



A CONDIÇÃO MIGRANTE NAS POESIAS DE ANA MARTINS MARQUES E PRISCA AGUSTONI

THE MIGRANT CONDITION IN POEMS OF ANA MARTINS MARQUES AND PRISCA AGUSTONI

Carolina Cassese de Vasconcellos Serelle*

* carolvcassese@gmail.com
Mestre em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e doutoranda em Literatura na University of Minnesota.

RESUMO: O presente artigo analisa os livros de poesia *O mundo mutilado* (2020), de Prisca Agustoni, e *De uma ilha a outra* (2023), de Ana Martins Marques, com o intuito de compreender de quais maneiras a condição migrante é retratada nas obras. A partir de conceitos desenvolvidos por Antonio Candido (1989), Alfredo Bosi (2003), Jacques Rancière (2012) e Carola Saavedra (2018), investigamos o entrelaçamento entre literatura e sociedade nos livros selecionados. Destacamos o fato de que as duas líricas tratam de determinados acontecimentos reais e, inclusive, são citados nomes de pessoas que realmente estiveram em situação de deslocamento forçado. Nos interessa refletir sobre a associação entre realidade e representação estética e, ainda, pensar no alcance da literatura como meio de transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; migrações; sociedade.

ABSTRACT: This article analyzes the poetry books *O mundo mutilado* (2020), by Prisca Agustoni, and *De uma ilha a outra* (2023), by Ana Martins Marques, with the aim of understanding how the migrant condition is portrayed in the works. Based on concepts developed by Antonio Candido (1989), Alfredo Bosi (2003), Jacques Rancière (2012) and Carola Saavedra (2018), we investigated the intertwining between literature and society in the selected books. We highlight the fact that the two lyrics deal with certain real events and even mention the names of people who actually are or have been in a situation of forced displacement. We are interested in reflecting on the association between reality and aesthetic representation and also thinking about the scope of literature as a tool for social transformation.

KEYWORDS: Poetry; migrations; society.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Imagens de pessoas em deslocamento forçado, ainda que não sejam exclusividade dos nossos tempos, são recorrentemente exibidas na imprensa atual. Vários desses registros são chocantes e evidenciam que a crise migratória global se tornou um dos maiores desafios humanitários do século 21. Ao longo do trajeto para o novo país, migrantes muitas vezes enfrentam violência, naufrágios, condições climáticas adversas e ainda precisam lidar com a escassez de alimentos. Sabe-se ainda que as dificuldades não se limitam ao momento da viagem, já que, quando chegam ao destino, um número considerável dessas pessoas ainda precisa enfrentar obstáculos como a xenofobia e a falta de serviços básicos.

Mesmo que a gravidade do cenário seja amplamente reconhecida pela comunidade internacional, não há perspectivas de uma resolução simples. Os conflitos que assolam o Oriente Médio, a agitação política no continente africano e a guerra entre Rússia e Ucrânia são alguns dos eventos responsáveis pelo agravamento da crise humanitária. Ademais, os efeitos das alterações climáticas e a busca por uma melhor condição econômica seguem levando inúmeras pessoas a abandonarem seus países.

As prosas e líricas sobre migrações também integram esse debate e, muitas vezes, colocam em primeiro plano

a importância de olharmos com atenção para os urgentes acontecimentos reais. No âmbito literário, são várias as questões que emergem: afinal, qual seria o papel da arte diante de uma crise humanitária tão grave? Quais são as possibilidades de se representar essas histórias esteticamente?

Considerando tais problemáticas e a dimensão das representações estéticas, o presente trabalho analisa os livros de poesia *O mundo mutilado* (2020), de Prisca Agustoni, e *De uma ilha a outra* (2023), de Ana Martins Marques, com o intuito de compreender a maneira que a condição migrante é retratada nas obras. Vale destacar que os dois livros abordam a crise dos refugiados, com enfoque maior na situação do continente europeu, onde parte das tragédias contemporâneas têm lugar. Segundo a Agência da ONU para refugiados (ACNUR), a principal distinção entre refugiados e migrantes diz respeito às condições em que as pessoas decidem partir de seus respectivos países: o primeiro termo necessariamente concerne um indivíduo que busca escapar de algum conflito grave ou perseguição política, enquanto o segundo pode se referir a qualquer pessoa que muda de país (ACNUR, 2023). A nossa escolha por utilizar o conceito “migrante” se justifica por alguns dos textos presentes nas obras tratarem do deslocamento de maneira mais geral. Ademais,

formuladores de políticas e organizações internacionais comumente utilizam esse termo com o intuito de abarcar também os refugiados.

O presente trabalho divide-se em três partes, para além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, apresentaremos as duas obras e suas respectivas autoras. O tópico seguinte, por sua vez, é centrado na relação entre literatura e sociedade. Para finalizar, a última seção analisa alguns dos poemas presentes nos livros selecionados, relacionando-os com temáticas que foram discutidas anteriormente, como a literatura empenhada e resistente.

“O MUNDO MUTILADO” E “DE UMA ILHA A OUTRA”

Autora de *O mundo mutilado*, Prisca Agustoni nasceu na Suíça e atualmente leciona Literatura Italiana e Comparada na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais. Dentre as condecorações que Agustoni recebeu, destacam-se o Prêmio Oceanos e o Prêmio Suíço de Literatura, ambos em 2023. A autora escreve em diversas línguas, como o italiano, francês e português. Segundo Diana Martha (2023, p. 212), Agustoni se destaca por assumir “em sua poesia o compromisso com a denúncia, com a resistência e com a retificação do mundo e da palavra pela via da poesia, fazendo soar o alarme que nos

alerta contra a desumanização do planeta”. Outra obra da autora é a recente *O gosto amargo dos metais* (2022), em que Agustoni também escreve sobre uma catástrofe: dessa vez, os crimes ambientais que aconteceram nas cidades de Mariana (em 2015) e Brumadinho (2019), após o rompimento de barragens.

Lançado em 2020, *O mundo mutilado* reúne 53 poemas que conectam o tema das migrações com as questões da diáspora negra. Em 2021, o livro foi um dos cinco finalistas do Prêmio Jabuti na categoria Poesia. A obra é dividida em seis partes: “A fera”, “Gente que parte”, “Antilíngua”, “Memória do inferno”, “Rosa dos ventos” e “Novo ensaio para a chegada”. Epígrafes de autores como Adam Zagajewski, Aimé Césaire e Carlos Drummond de Andrade introduzem as seções, que também refletem sobre os efeitos do deslocamento na linguagem e na produção artística. O trecho de Zagajewski (da obra *Prova a cantare il mondo storpiato*, 2019), por exemplo, foi traduzido por Agustoni e inspira o nome de seu livro: “Viste os refugiados que caminham/ para lugar nenhum, ouviste os carrascos/ que cantavam com alegria/ Tenta louvar o mundo mutilado”.

Já Ana Martins Marques, que assina *De uma ilha a outra*, é graduada em Letras e tem doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG). Entre outros livros, publicou *Da arte das armadilhas* (2011), vencedor do prêmio da Biblioteca Nacional, e *O livro das semelhanças* (2015), terceiro lugar no prêmio Oceanos. Na dissertação *O lirismo acolhedor da poesia de Ana Martins Marques*, o pesquisador Daniel Aparecido Veneri (2019, p. 19), caracteriza Marques como “uma relevante poeta brasileira contemporânea do século XXI que molda uma forma particular de escrita simples, lírica e rigorosamente trabalhada”. Compartilhamos da impressão de que os trabalhos da poeta são cuidadosamente elaborados e, ainda, revelam uma inteligibilidade notável. Ressaltamos que essa clareza não diz respeito à falta de profundidade; embora a obra da autora brasileira possa ser caracterizada como “acessível”, seus versos inegavelmente apresentam camadas diversas de complexidade.

O livro selecionado para este trabalho foi lançado como parte do projeto Círculo de Poemas, desenvolvido pela Editora Fósforo. Em 2023, os escritores foram convidados a escolher um mapa de um lugar – real ou inventado – e escrever a partir dele. Dessa forma, *De uma ilha a outra* apresenta um grande poema, centrado principalmente na emblemática Ilha de Lesbos, na Grécia. Logo nos versos iniciais, o eu lírico faz menção direta ao campo de refugiados de Moria, lembrando ser este “o mais insalubre da Europa” (Marques, 2023, p. 7). Segundo o pesquisador

Antônio Mousquer (2023), a escrita de Marques apresenta uma presença reiterada do mundo e do encontro com o outro. “Essa dimensão da alteridade, apresentada com insistência, constitui não apenas um processo de autocohecimento, mas também um modo de questionamento da realidade e de sua representação na poesia” (Mousquer, 2023, p. 105). No livro aqui analisado, a alteridade é um componente muito importante para a lírica, já que o poema trata de realidades distantes e complexas.

Inicialmente, uma semelhança que podemos apontar entre os livros diz respeito ao diálogo que ambos estabelecem com acontecimentos reais e primordialmente contemporâneos. As duas autoras, vale ressaltar, explicitam que os respectivos trabalhos foram pensados a partir de notícias da atual crise de refugiados. No posfácio de *O mundo mutilado*, Agustoni comenta: “Como poeta, me parecia que já não era possível apenas se resignar diante de uma impotência que se esgota em si mesma enquanto lá fora, no mundo, milhares de pessoas morriam todos os dias” (Agustoni, 2020, p. 118). Já Marques, em entrevista ao portal *Culturadoria*, contou que a ideia de escrever *De uma ilha a outra* surgiu a partir de um episódio particular: “Acho que o trabalho nasceu muito de uma matéria específica que trazia uma entrevista com uma menina que falava sobre um incêndio, sobre como suas roupas e

seus sapatos pegaram fogo. Havia muitas crianças nesse acampamento” (Marques, 2023). Hoje, em Lesbos, há um novo campo de refugiados, após um grande incêndio que destruiu o primeiro. No entanto, acerca dele pairam sérias acusações quanto às condições de vida que os imigrantes encontram ali.

É válido destacar que a possibilidade de diálogo entre os dois livros é mencionada no posfácio presente em *De um ilha a outra*, assinado por Guilherme Gontijo Flores. O autor afirma que a obra de Marques “conversa profundamente com outros livros recentes, atentos ao tema, como o forte *O mundo mutilado*, de Prisca Agustoni” (Gontijo, 2023, p. 26). Reconhecemos essas similaridades e, ao mesmo tempo, consideramos que as autoras realizam trabalhos inventivos, repletos de elementos autorais.

A ARTE DIANTE DO MUNDO

Sabe-se que a condição de refugiado não surgiu a partir das crises do século XXI, já que deslocamentos e migrações forçadas ocorrem desde a antiguidade. Durante as Guerras Mundiais do século XX, milhões de pessoas foram forçadas a abandonar suas casas e buscar refúgio em outros países ou demais regiões. A Primeira Guerra, por exemplo, foi responsável por deslocamentos massivos, especialmente na Europa Oriental e no Império Otomano.

Comunidades inteiras fugiram da violência e da destruição, enfrentando condições extremamente difíceis em campos de refugiados.

No que diz respeito à situação contemporânea, dados da Organização das Nações Unidas (ONU) mostram que, em agosto de 2023, mais de 110 milhões de pessoas em todo o mundo foram deslocadas à força das suas casas devido a perseguições, conflitos e diferentes tipos de violência. Essas mesmas estatísticas indicam que, após a Rússia invadir o território ucraniano, no início de 2022, a Europa passou a enfrentar a maior crise de deslocamento desde a Segunda Guerra Mundial (ONU, 2023).

Situações de deslocamento forçado, vale ressaltar, também estão presentes em outras regiões do mundo contemporâneo. No continente americano, países como El Salvador, Honduras e Guatemala enfrentam crises internas devido à violência de gangues e instabilidade política. A fronteira sul dos Estados Unidos, compartilhada com o México, é um dos principais destinos de migrantes. Para chegarem em território norte-americano, muitas pessoas em deslocamento forçado precisam arriscar a própria vida, já que atravessam desertos áridos e enfrentam rios perigosos. Além disso, a eleição de Donald Trump, em 2024, reforça o discurso punitivista contra imigrantes,

direcionado especialmente aos que se encontram em situação de maior vulnerabilidade.

Considerando a magnitude dessa temática, quais seriam maneiras éticas e estéticas de representar o drama daqueles que precisam deixar suas casas em busca de uma condição de vida melhor? No âmbito da ficção, um dos exemplos contemporâneos é do filme *Eu, Capitão* (2023), que mostra um grupo de senegaleses em deslocamento para a Europa. A obra, dirigida por Matteo Garrone, foi indicada ao Oscar de Filme Estrangeiro em 2024 e gerou discussões sobre quais seriam as melhores formas de representar as adversidades enfrentadas pelos que precisam se deslocar. Alguns críticos, como o brasileiro Inácio Araújo (2024), opinaram que o filme é sensível com os refugiados, mas poderia evitar algumas das cenas de violência extrema: “[...] não faltarão a *Eu, Capitão*, também, insuportáveis cenas de tortura, de que Matteo Garrone, o diretor, poderia bem nos poupar, sem que seu filme nada perdesse em força ou contundência — ao contrário”. Percebe-se, então, que existe um debate sobre a maneira que determinadas atrocidades deveriam ser ficcionalmente representadas.

Uma autora que trata da relação entre arte e sociedade ou, mais especificamente, entre literatura e catástrofes

contemporâneas, é a brasileira Carola Saavedra. Em “O mundo desdobrável” (2018), a pesquisadora reflete sobre o alcance da literatura diante da crise climática e outros eventos trágicos. O seguinte trecho ilustra muitas das questões levantadas por Saavedra:

O fim do mundo é um cenário que se estende também a outras áreas, como política, artes, cultura e, obviamente, também à literatura. E então, após alguns desvios, chego finalmente aonde queria chegar: como fica a literatura, este sonho acordado (*ensueño, Tagestraum*) da civilização se a própria civilização está sendo questionada? [...] Como escrever sobre nós se cada vez sabemos menos quem somos? Como escrever num planeta em acelerada transformação? Escrevemos e já não é e, de novo, já não é, a cada frase. Em outras palavras, num mundo cada vez mais incerto, mais irreal, como abordar a realidade? (Saavedra, 2018, p. 18).

Evidentemente, os livros de Agustoni e Marques não têm a pretensão de oferecer respostas simples a essas perguntas. A partir dessas leituras, porém, várias possibilidades emergem: as fortes imagens elaboradas pelas poetisas, como veremos mais adiante, nos sensibilizam e reforçam a importância de olharmos para as terríveis condições enfrentadas pelos grupos em deslocamento forçado. No entanto, nem tudo é sobre violência: as estrofes também

apresentam histórias de determinadas figuras – inspiradas em pessoas reais – e reflexões mais amplas sobre a condição humana.

No texto “Direitos humanos e literatura”, Antonio Candido (1989) trata da relação entre sociedade e a arte. Para o sociólogo, a literatura pode ser social em dois níveis: primeiramente, por exercer influência sobre os acontecimentos e, em segundo lugar, por representar esteticamente algumas das mazelas sociais. Para Candido, a literatura empenhada se caracteriza pela intenção do autor de assumir uma perspectiva crítica diante de desafios sociais:

Falemos portanto alguma coisa a respeito das produções literárias nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face dos problemas. Disso resulta uma literatura empenhada, em parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicção e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com totalidade crítica (Candido, 1989, p. 7).

Por tratarem de temas urgentes, inferimos que as obras de Agustoni e Marques podem ser categorizadas como empenhadas, principalmente por apresentarem posicionamentos humanísticos. Nos poemas, as autoras dialogam com situações da realidade contemporânea e apresentam

perspectivas diversas sobre situações de deslocamento forçado, expressando também as vozes das vítimas. Esse tipo de arte exerce um papel importante na sociedade, pois, como afirma Candido, a literatura tem o potencial nos tornar “mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 1989, p. 182).

Por sua vez, no texto *Narrativa e resistência*, Alfredo Bosi (1996, p. 11) argumenta que o sentido do termo resistência “apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia”. O pesquisador afirma ainda que o escritor de ficção não se baseia estritamente na dureza da realidade, pois ele dispõe de um amplo espaço de liberdade criativa. No que diz respeito aos livros analisados neste trabalho, é possível afirmar que ambos não apenas trabalham com dados da realidade, mas principalmente realizam reflexões inventivas sobre diferentes espaços. Especificamente sobre o campo da poesia, Bosi pondera que

Anos depois, pensando na intersecção de poesia e resistência, procurei explorar a fenomenologia das relações entre os dois campos de significado. Ganham relevância as seguintes modalidades: a resistência da sátira e da paródia, sem dúvida as suas formas mais ostensivas; a resistência profunda, às vezes difícil de sondar, da poesia mítica; a resistência interiorizada da lírica,

que entrança os fios da memória com os da imaginação; enfim, a resistência que se faz projeto ou utopia no poema voltado para a dimensão do futuro (Bosi, 1996, p. 23).

Acreditamos que os poemas das duas autoras analisadas apresentam formas significativas de resistência, em especial no que se refere ao entrelaçamento “dos fios da memória com os da imaginação”. As líricas de Agustoni e Marques resgatam acontecimentos vividos por migrantes, ao passo que também criam cenários e estabelecem conexões inventivas, como paralelos entre elementos da natureza e a condição dos refugiados, além da alternância entre diferentes períodos históricos.

Numa entrevista sobre *O mundo mutilado* para a publicação *São Paulo Review*, Agustoni comentou a relação entre questões de cunho social e estética. Para a autora, a poesia não representa apenas a denúncia ou observação do real, mas principalmente “a possibilidade de criar outro mundo possível, o ainda não imaginado, o ainda não vivido. Essa abertura se dá pelo trabalho feito a partir da linguagem” (Agustoni, 2022). Em uma reflexão semelhante, a pesquisadora Diana Martha (2023, p. 207) pondera que o posfácio de *O mundo mutilado* “assinala a convergência entre ética e estética que sustenta o processo criativo, as reflexões e a atividade crítica-tradutória de Prisca Agustoni”.

No que diz respeito ao fato de a autora escrever sobre uma realidade que se distancia de suas próprias vivências, Agustoni afirma, ainda em entrevista à *São Paulo Review*, que

Me interessa trasladar esse cotidiano específico e local, tanto meu como do meu tempo e circunstâncias, numa declinação mais universal [...] Esse tipo de reflexão é a que move minha escrita, a possibilidade de olhar para além do fato em si, leve ou grave que seja. Transcender de alguma maneira minhas circunstâncias (Agustoni, 2022).

Dessa maneira, podemos inferir que, mesmo distante da difícil realidade dos refugiados, o leitor também consegue realizar essa aproximação. Sobre esse mesmo tema, Martha argumenta que,

Quando se consideram textos literários como o de Prisca Agustoni, em foco neste artigo, sabe-se que a poeta não viveu a experiência das vítimas – não a rigor – mas de algum modo esta experiência se entranha no verbo, nos versos, nos cortes, fera e antilíngua, memória do inferno e mutilação (Martha, 2023, p. 212).

Pode-se pensar, portanto, que o espaço da literatura é também um lugar de alteridade, em que é possível se identificar com um outro muito diferente. Segundo a

historiadora Paula Carvalho, que resenhou *De uma ilha a outra* para o veículo *Quatro Cinco Um*, o livro de Marques une poesia e literatura de maneira admirável: “A autora atinge uma espécie de Olimpo literário: faz uma poesia política e engajada sem cair no didatismo ou na militância ingênua, e sem abrir mão do seu sofisticado estilo poético” (Carvalho, 2023). A autora também observa que a escolha de citar nomes de verdadeiros refugiados fortalece a crítica do livro: “Valencia, Amir, Ali Zaid, Samir Alhabr. É um modo de fazer com que não sejam esquecidos” (Carvalho, 2023). O fato de sabermos da veracidade de algumas histórias retratadas no poema nos aproxima das obras e, ainda, permite que o leitor se compadeça com as situações representadas. Por sua vez, o pesquisador João Mostazo (2024, p. 14) reflete que, ao analisar a obra, “chama a atenção de imediato, de um lado, a extraordinária articulação que a poeta faz de diferentes camadas, e de outro a profunda humanidade das imagens que o poema constrói nos seus momentos mais altos, sobretudo aqueles em que pinta os detalhes das vidas dos imigrantes”.

A CONDIÇÃO MIGRANTE NOS POEMAS

Por sua objetividade característica, o gênero notícia é frequentemente o primeiro a ser associado à crise atual de refugiados, já que registra os acontecimentos à medida

que ocorrem, a partir de relatos informativos sobre deslocamentos e conflitos. Enquanto o discurso jornalístico costuma lidar com acontecimentos reais de uma maneira mais factual, o poema, como sabemos, pode trabalhar com elementos criativos.

No livro *O espectador emancipado* (2012), Jacques Rancière reflete sobre a maneira que algumas tragédias são noticiadas na imprensa:

O que vemos, sobretudo nas telas de informação de televisão, é o rosto de governantes, especialistas e jornalistas a comentarem as imagens, a dizerem o que elas mostram e o que devemos pensar a respeito. Se o horror está banalizado, não é porque vemos imagens demais. Não vemos corpos demais sofrendo tela. Mas vemos corpos demais sem nome, corpos demais incapazes de nos devolver o olhar que lhes dirigimos, corpos que são objeto de palavra sem terem a palavra (Rancière, 2012, p. 94).

Essa abordagem mencionada pelo filósofo pode ser identificada na cobertura jornalística acerca da emergência de deslocamento forçado. Muitas reportagens insistem em mostrar os supostos “dois lados” da crise de refugiados (evidenciando, por exemplo, as opiniões de políticos ou especialistas que destacam consequências negativas de receber imigrantes), sem muitas vezes

considerarem a dimensão humana da emergência. Ademais, várias matérias jornalísticas acabam não realizando uma contextualização histórica acerca dos motivos pelos quais pessoas precisam deixar seus países de origem. As consequências da colonização, por exemplo, são poucas vezes compreendidas nessas abordagens, que frequentemente consideram apenas acontecimentos recentes. É evidente, porém, a importância de compreendermos como processos históricos seguem influenciando as dinâmicas políticas de diferentes países, em especial aqueles que foram colonizados.

Ainda considerando as reflexões de Rancière (2012), podemos avaliar que frequentemente nos deparamos com notícias que apenas exibem estatísticas sobre a crise de refugiados, sem apresentarem as histórias – ou até mesmo falas em primeira pessoa – daqueles que se encontram em deslocamento forçado, muitas vezes submetidos a diversos tipos de violência. Essas pessoas, como as vítimas de genocídio e refugiados, são usualmente exibidas no sistema de informação, mas, segundo Rancière, raramente nos devolvem o olhar. O filósofo demanda justamente esse deslocamento, que pode ser realizado por meio de dispositivos sensíveis criados pela arte. Como exemplo, Rancière descreve a obra do artista chileno Alfred Jaar, *The*

eyes of Gutete Emerita, sobre o genocídio em Ruanda, no ano de 1994.

É válido assinalarmos que as próprias notícias são objeto de reflexão para os poemas analisados neste trabalho. Em *O mundo mutilado*, por exemplo, o sujeito poético aborda a sensação de receber atualizações sobre a crise de refugiados: “As notícias chegam/rolam pelo feed/269 *dispersi nel mare di Lampedusa*/e queimam a retina” (Agustoni, 2021, p. 67). A expressão “queimam a retina” evidencia a angústia do eu lírico ao se deparar com atualizações das tragédias de Lampedusa, ilha italiana do Mar Mediterrâneo, que tem recebido milhares de refugiados, em especial por conta da proximidade com o Norte da África. A ponderação sobre notícias também pode ser observada em *De uma ilha a outra*, de Marques:

(Agora
a cada vez que abro o Facebook
surgem entre as postagens
vídeos sobre acampamentos,
crianças, tendas brancas e azuis
sem som
eles começam a rodar sozinhos)
(Marques, 2023, p. 27).

Nos trechos de Agustoni e Marques, portanto, os sujeitos líricos demonstram que estão distantes da tragédia (ou seja, não se incluem entre aqueles que estão em deslocamento ou nos acampamentos) e retratam ainda uma ocorrência comum da vida de pessoas que pertencem a determinada classe social: a situação de se deparar com notícias trágicas por meio de redes sociais ou veículos de comunicação, sem terem meios significativos para realmente mudar a situação. Quando vemos inúmeras imagens trágicas, acompanhadas de pouca ou nenhuma contextualização, muitas vezes temos a sensação de que essas situações dramáticas são inevitáveis ou, em alguns casos, irremediáveis. Frequentemente nos esquecemos que as decisões políticas e institucionais são responsáveis por muitas dessas calamidades.

Ao analisarmos diferentes aspectos das obras, também podemos nos dar conta de que os próprios versos transitam entre tempos e lugares. Em *De uma ilha a outra*, por exemplo, percebemos que o eu lírico alterna entre a representação da crise humanitária e a percepção do cotidiano. Também é notável o fato de o poema transitar entre diferentes épocas, já que, na parte citada acima, o sujeito poético trata de contextos contemporâneos (citando inclusive a rede social *Facebook*), ao passo que outras

passagens fazem alusão à antiguidade, como observamos nos trechos a seguir:

Nascida em Lesbos
é possível que Safo
tenha sido obrigada
a se exilar na Sicília
com sua família
por volta de 590 a.C.
provavelmente por razões políticas
a décima musa segundo Platão
de uma a outra ilha
cercada de água e luz
como uma cabeça
por uma grinalda
(Marques, 2023, p. 9).

Destaca-se referência à Safo, poeta grega arcaica que nasceu na ilha de Lesbos por volta de 630-570 a.C e é uma das figuras mais ilustres da literatura grega antiga. Como recuperam os versos, a própria poeta foi, possivelmente, como muitos refugiados contemporâneos, forçada ao deslocamento por motivos políticos, o que observamos nos versos: “é possível que Safo/ tenha sido obrigada/ a se exilar na Sicília”. Ressaltamos que registros de suas obras foram encontrados em papiros e citações de

tratados antigos, mas não temos acesso ao trabalho completo da autora. Esse fato é significativo no contexto de *De uma ilha a outra*, pois a fragmentação da obra de Safo espelha a própria estrutura do livro de Marques, que trabalha com diversos excertos. Segundo Mostazo (2024, p. 14), a concepção “da realidade e da linguagem como um conjunto de estilhaços é central na obra de Ana Martins e tem seu desdobramento mais consequente (até aqui) em *De uma ilha a outra*”. A importância desses fragmentos fica evidente nas estrofes a seguir, quando o sujeito lírico associa a estrutura de poemas antigos com a jornada dos migrantes:

Uma dificuldade
com os poemas antigos
é às vezes saber
onde começa
e onde termina um poema se
um fragmento faz ou não
parte de um determinado poema
ou se é um novo poema que não havia sido ainda encontrado
se estamos diante de dois poemas diferentes
ou de uma variação de um mesmo poema
entrar e sair de um poema não é como
entrar e sair de um país [...]
(Marques, 2023, p. 17).

Aqui, podemos interpretar que a incompletude dos poemas antigos, em especial os trabalhos de Safo, permite que esses versos sejam preenchidos por outras vozes. Nesse sentido, entendemos que as lacunas – também indicadas pelos colchetes, elemento muito presente em *De uma ilha a outra* – muitas vezes ampliam o significado dos poemas. Além disso, compreendemos que, no livro, as constantes mudanças de ritmo e temporalidade aludem aos movimentos dos migrantes – e, ainda, ao título da obra, pois é como se, ao longo da leitura, saltássemos “de uma ilha a outra”.

Como dissemos, no já destacado trecho que aborda a relação da poeta grega com sua terra natal, o eu lírico ilustra que situações de deslocamento forçado ocorrem há séculos. Se hoje a ilha recebe milhares de imigrantes, em outras épocas foram os moradores de Lesbos que precisaram sair do local. Nesse mesmo sentido, Mostazo (2024, p. 17) aponta que “a mesma Grécia, berço da civilização ocidental, é um dos palcos do seu colapso, na catástrofe política e humanitária contemporânea”.

As tragédias que ocorrem na ilha grega aparecem nas duas obras analisadas. Vale destacar que o lugar tem uma significativa relevância histórica e literária, em especial por ser a terra natal de diversos poetas da antiguidade, como Alceu e a própria Safo. Recentemente, Lesbos passou a receber

milhares de refugiados que chegam ao continente europeu, principalmente por conta da proximidade com a Turquia. O sujeito poético em *De uma ilha a outra* também comenta que

Em 2015
cerca de 800 mil refugiados
em sua maioria sírios e iraquianos
transitaram por Lesbos
com a esperança de chegar aos países
da Europa setentrional

As praias de Molinos, Etfalou
e Skala Sikamia
ficaram cobertas de coletes salva-vidas
(Marques, 2023, p. 11).

O amontoado alaranjado dos coletes salva-vidas, mencionado acima, cria uma imagem que ilustra de modo impactante a situação das populações que vagam por terra (por vezes, desertos) e mares em busca de melhores condições de vida. A organização internacional Médicos Sem Fronteiras, por exemplo, divulgou, em 2016, fotos de centenas de coletes salva-vidas usados por imigrantes que conseguiram chegar à Ilha de Lesbos. Dessa maneira, é notável a maneira que o livro de Marques acolhe uma multiplicidade de vozes, como poetas da antiguidade, repórteres e usuários de redes sociais. No

entanto, são sobretudo as vozes dos migrantes que conferem uma identidade singular à lírica, resultando numa junção de falas e experiências dos que se encontram em deslocamento.

Em *O mundo mutilado*, o sujeito poético alude à Ilha de Lesbos quando menciona uma morte que ocorreu no local: a do músico curdo Boris Y., que deixou seu país e foi encontrado morto na ilha grega em abril de 2017:

Ainda resiste a mão além do roxo da morte.
O que ela toca hoje são notas de outros cortes
rios
e montanhas, paisagens muitas ele carrega no canto afiado
[do instrumento
ao qual está agarrado
como fosse seu colete,
talvez um passaporte.
De que adianta o talento
a afinação perfeita
se sua vida se resume ao imprevisto voo da moeda:
cara ou coroa o veredito
e lá se vai Boris para Bélgica
sem antes ter ouvido
o grito contra o vento
que é a resistência das gaivotas
(Agustoni, 2021. p. 72).

Nos versos acima, pode-se observar que o sujeito poético mescla elementos da música, como a afinação e as notas, com outros associados à crise de refugiados, tais como coletes e passaportes. A partir da pergunta “do que adianta a afinação perfeita?”, o eu lírico reflete também sobre as limitações da arte diante de um contexto tão precário e árduo como o das migrações forçadas, já que o significativo talento de Boris é tragicamente desperdiçado nesse trajeto violento.

Os barcos, meio habitualmente utilizado por refugiados, também aparecem nas duas obras. Esse espaço remete a uma longa história de deslocamentos forçados, especialmente se lembrarmos dos navios negreiros, que transportaram milhões de africanos capturados e retirados de suas terras. Tanto no passado quanto no presente, essas embarcações representam espaços limitados e instáveis, como uma ilha à deriva – um território provisório e incerto em meio ao oceano. No contexto dos refugiados, destacamos que muitas vezes os trajetos terrestres são bloqueados por conflitos ou controles rigorosos e, dessa maneira, as rotas marítimas se tornam a única opção viável para quem precisa se deslocar. Esses migrantes que atravessam o mar enfrentam inúmeros perigos, incluindo condições climáticas adversas. No livro *De uma ilha a outra*, o sujeito poético comenta sobre o cenário:

Esses jovens, homens e mulheres, deviam poder quebrar-se
gradualmente contra o mundo
e não ser lançados assim
ao mar escuro
com seus coletes alaranjados
faiscando
desabando depois na praia
com o baque de um jornal
arremessado sobre o muro
por um motociclista apressado

ininvelhecíveis

(Marques, 2023, p. 10).

Novamente, percebemos que Marques trabalha com diversas comparações e cria imagens impactantes ao tratar desses trajetos marítimos. A associação entre o desabamento na praia e o baque de um jornal arremessado sobre o muro, por exemplo, nos faz pensar no estado de vulnerabilidade dessas pessoas. Ao considerarmos que esses jovens são refugiados, compreendemos que eles precisam se submeter a um processo muito violento, em que frequentemente não são tratados como seres humanos. Nesse sentido, é significativo que o eu lírico estabeleça uma relação entre essas pessoas e um objeto, evidenciando o quão desumano esse deslocamento forçado costuma ser.

Ainda sobre as tragédias que acontecem com barcos de refugiados, o eu lírico de *O mundo mutilado* pondera que:

são apenas fatos
os fatos, números
os números, declinações
de corpos sempre no plural
como se não houvesse pessoas
dentro desses números
dentro desses corpos
dentro desses barcos
dentro desses mortos
(Agustoni, 2021, p. 64).

Nesses versos, é possível identificarmos uma crítica à maneira que parte da sociedade trata as vítimas dessa crise humanitária. Ao encerrar o poema com a palavra “mortos”, o eu lírico enfatiza a observação crítica sobre a redução do ser humano a meras estatísticas, já que a última palavra carrega o peso do destino final daqueles que foram transformados em números e esquecidos pela sociedade. Podemos, inclusive, associar esses trechos com a discussão suscitada por Rancière em *O espectador emancipado*: veículos de mídia muitas vezes desumanizam os refugiados ao noticiarem algumas mortes como meros fatos, ocorridos que não envolvem rostos e vozes – e esses

“corpos” aparecem sempre no plural, como comenta o eu lírico.

Ademais, a organização visual dos poemas de Agustoni dialoga com muitas das reflexões presentes no livro, o que podemos compreender a partir de versos que compõem a seção “Gente que parte”,

Para essa terra de abandono
migramos,
carregando o que sobra
do despojo:
nosso rosto virado
rumo ao sol
rebojo de poeira e vento
na seca
e uma flor, pelo menos,
pelo menos uma flor
aberta
apesar da fome
– aquela que nos sobrevive
e demora
(Agustoni, 2021, p. 32).

Como também aponta a pesquisadora Martha (2023, p. 206), pode-se inferir que a disposição desse poema,

representando movimentos oscilantes, alude ao deslocamento dos migrantes, que atravessam regiões hostis em busca de um novo destino. Ademais, as palavras “sol”, “poeira”, “vento” e “seca” são diretamente associadas a cenários desérticos, que, como mencionamos anteriormente, estão frequentemente presentes nas jornadas dos que se encontram em deslocamento forçado. Essas referências também reforçam o contraste entre o ser humano e a natureza, especialmente considerando que as dinâmicas sociais parecem insignificantes diante de paisagens marítimas ou desérticas.

Ainda acerca de *O mundo mutilado*, destacamos que uma das características que torna a obra inovadora diz respeito ao fato de a autora tratar da condição migrante de maneira ampla, considerando diferentes espaços. Em determinada passagem, o eu lírico alude à situação da América Latina: “[...] aqui também temos/ um Haiti sobrevivente/ migrante, resiliente,/ um país/ como uma cratera viva” (Agustoni, 2021, p. 82). Podemos pensar que o Haiti é mencionado no livro não apenas por ser um país de onde muitas pessoas precisam emigrar na contemporaneidade, mas também por o local representar muitas das disparidades existentes no sistema capitalista – e, portanto, ilustrar a imagem do “mundo mutilado”. Se no século 18 a região era uma das mais ricas colônias francesas,

atualmente o país é o mais pobre da América Latina e do Caribe (World Bank, 2024).

Além disso, o Haiti é também uma localidade insular, o que dialoga com os acontecimentos da Ilha de Lesbos na contemporaneidade, já que esses espaços isolados geograficamente por águas são relevantes para o contexto das migrações. No texto “De islas, fronteras y vectores. Ensayo sobre el mundo insular fractal del Caribe”, o pesquisador Ottmar Ette reflete sobre a representação das ilhas caribenhas na literatura, ponderando que “na metaforologia ocidental, a ilha se apresenta como uma figura oscilante: por um lado, pode expressar uma condição de conclusão e isolamento do Outro; por outro, revela justamente a consciência de uma relacionalidade múltipla com o Outro” (Ette, 2024, p. 129)¹. Dessa forma, compreende-se que esses territórios podem ser compreendidos tanto como espaços de isolamento quanto como regiões de diversidade, onde povos de diferentes culturas interagem.

Percebemos, então, que a discussão sobre migrações abrange tragédias que acontecem em diferentes continentes. A crise de refugiados é inegavelmente uma questão global, que concerne às vidas de milhares de pessoas que precisam se deslocar em busca de condições dignas. Dessa forma, devemos considerar os trânsitos migratórios

1. No original: “En la metaforología occidental, la isla se presenta como figura oscilante: por una parte, puede expresar una condición de conclusión y aislamiento de lo Otro; pero, por otra, precisamente la conciencia de una relacionalidad ligada en forma múltiple con lo Otro”.

contemporâneos e também passados, responsáveis por diversos eventos que marcaram a história da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido, podemos considerar que os dois livros analisados apresentam um trabalho estético inventivo. Ao associarem a crise contemporânea de refugiados com outros temas (e, ainda, outros tempos), os sentidos das obras se expandem e alcançam novas dimensões. No que diz respeito ao livro *O mundo mutilado*, destacamos a associação da crise de refugiados com a condição migrante de maneira mais ampla, já que Agustoni aborda diferentes tipos de deslocamento. A obra *De uma ilha a outra*, por sua vez, impressiona pela lírica que transita entre passado e presente, rememorando os diversos eventos que ocorreram na Ilha de Lesbos. Ademais, a fragmentação aparece no livro tanto como tema quanto como característica estrutural dos próprios versos. Compreendemos que muitos dos sujeitos em deslocamento apresentam identidades fragmentadas e, por isso, a composição estética da obra nos auxilia a compreender a violência da migração forçada. Para Ette, a própria ilha “também se apresenta como parte de um mundo insular que representa o fragmentário²” (Ette, 2004, p. 129), observação que dialoga significativamente com o título do livro de Marques.

Ademais, conhecemos histórias verdadeiras a partir dessas líricas, como a do já mencionado músico curdo Boris Y. (presente na obra de Agustoni), encontrado morto em Lesbos, e a de Samir Alhabr (citado no livro de Marques), refugiado que viu membros do Estado Islâmico executarem seu pai e irmão. Ao sabermos dessas experiências a partir de um ponto de vista literário, não nos deparamos apenas com informações pragmáticas (como origem e idade dos refugiados), mas principalmente com uma abordagem sensível sobre tais existências. Nos livros analisados, Boris e Samir são seres humanos com histórias singulares e não meros números que integram uma estatística.

Destacamos ainda que reflexões sobre a condição migrante também contemplam temáticas como o racismo e a desigualdade de classe. Afinal, muitos dos que estão em deslocamento forçado – principalmente em barcos e outros meios arriscados – se encontram em situações de vulnerabilidade social. Na apresentação de *O mundo mutilado*, Agustoni reconhece que vários dos corpos encontrados em tragédias são negros e de origem africana. Já em *De uma ilha a outra*, o eu lírico apresenta algumas falas de Valencia, uma menina congoleza de oito anos que perdeu as roupas num incêndio. Entendemos, portanto, que a raça é um elemento muito relevante para a análise

2. No original: “[...] la isla se muestra también como parte de un mundo insular que representa lo fragmentario”.

das experiências migratórias, que influencia ainda o processo de integração num novo país.

Como mencionamos anteriormente, podemos estabelecer um paralelo entre os barcos de refugiados e os navios negreiros, em especial se considerarmos que, nos dois contextos, pessoas negras foram – e permanecem sendo – tratadas de maneira desumana. No século 21, muitos dos que embarcam nessas jornadas vêm de países como a República Democrática do Congo e o Sudão do Sul, onde guerras civis e disputas por recursos naturais agravam a crise humanitária; da Somália, cuja instabilidade política e a presença de grupos extremistas podem tornar a vida civil insustentável; ou da Nigéria, país em que a violência e a pobreza impulsionam a saída de milhares. Nesse sentido, compreendemos que são os grupos marginalizados que enfrentam as piores condições de deslocamento. As duas obras, portanto, evidenciam o fato de pessoas socialmente vulneráveis serem as principais vítimas dessa crise humanitária, que reforça muitas das desigualdades já existentes ao redor do mundo.

REFERÊNCIAS:

AGUSTONI, Prisca. **O mundo mutilado**. São Paulo: Editora Quênia, 2020.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR). ACNUR, 2023. **Refugiado ou migrante?** Disponível em: <<https://encurtador.com.br/asxZ5>>. Acesso em: 7 abr. 2024.

ARAÚJO, Inácio. “Eu, Capitão” é sensível com refugiados, mas poderia evitar a tortura. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/02/eu-capitao-e-sensivel-com-refugiados-mas-poderia-evitar-a-tortura.shtml>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CÂNDIDO, A. “O direito à literatura”. In: Candido, Antonio. **Vários escritos**. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 1995.

CARVALHO, P. O poema é uma ilha. **Quatro Cinco Um**, São Paulo, 10 dez. 2023. Disponível em: <<https://quatrocincoum.com.br/resenhas/poesia/o-poema-e-uma-ilha/>>. Acesso em: 25 abr. 2024.

ETTE, Ottmar. De islas, fronteras y vectores. Ensayo sobre el mundo insular fractal del Caribe. **Iberoamericana (Frankfurt am Main - Madrid)**, v. IV, n. 16, p. 129-143, dez. 2004.

GUIMARÃES, L. A poesia de Prisca Agustoni. **São Paulo Review**, São Paulo, 10 abr. 2022. Disponível em: <<http://saopauloreview.com.br/a-poesia-de-prisca-agustoni-a-lingua-como-passaro-migrante/>>. Acesso em: 7. abr 2024.

MARQUES, A. **De uma ilha a outra**. São Paulo: Fósforo, 2023.

MARTHA, D. Poesia, dignidade, humanidade: testemunho e ética da resistência em Prisca Agustoni. **Texto Poético**, v. 19, n. 40, pp. 192–216, 2023.

MOSTAZO, J. A dúvida como tradição: uma poética da desconfiança na obra de Ana Martins Marques. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, pp. 1-18, 2024.

MOUSQUER, A. C. O espaço na poesia de Ana Martins Marques. **Brasil/Brazil**, v. 36, n. 71, pp. 95-107, 2023.

PINHEIRO, G. Os olhares poéticos de Ana Martins Marques e Aline Motta no 12o Festival Artes Vertentes. **Culturadoria**, Belo Horizonte, 23 nov. 2023. Disponível em: <<https://culturadoria.com.br/aline-motta-e-ana-martins-marques/>>. Acesso em: 7 abr. 2024.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU, 2023. Refugees. Disponível em: <<https://www.un.org/en/global-issues/refugees>>. Acesso em 25 abr. 2024.

SAAVEDRA, C. **O mundo desdobrável**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2021.

VENERI, D.A. **O lirismo acolhedor da poesia de Ana Martins Marques**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

WORLD BANK GROUP. World Bank, 2024. The World Bank In Haiti. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/en/country/haiti/overview>>. Acesso em 19 abr. 2024.

ZAGAJEWSKI, A. **Prova a cantare il mondo storpiato**. Novara: Interlinea, 2019.

Recebido: 30/06/2024

Aceito: 01/04/2025